



IV SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Educação Pública em Tempos de Reformas”

Dourados - MS, de 09 a 11 de Setembro de 2019

QUAL É O LUGAR DA MACUMBA?

Aline Silva ESPÍRITO SANTO (UEMS)¹

Pietra da Costa SILVA (UEMS)²

Christiane Guimarães de ARAÚJO (UEMS)³

Keyla Andrea Santiago de OLIVEIRA (UEMS)⁴

Eixo 8 – Relatos de Experiência

Resumo

O presente relato visa a apresentação da realidade da sala de aula de uma escola situada na periferia de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, levando em consideração o contexto proporcionado pelo estágio curricular supervisionado I, do curso de Artes Cênicas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). A experiência vivenciada em uma escola de Ensino Fundamental de Campo Grande nos trouxe as questões que envolvem a efetividade do ensino da Cultura Afro-Brasileira na escola, nos confrontando acerca de seus equívocos e reproduções no contexto escolar. Articulando teóricos que estudam/questionam o ambiente escolar e a postura do professor (mais especificamente de Arte) abordaremos as influências diretas que afetam o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo do aluno quando em face ao desconhecimento da instituição a respeito de assuntos que permeiam a cultura afro-brasileira. Abordamos também as leis que regulamentam o ensino da cultura dos povos que constroem a cultura brasileira (indígenas e africanos) promovendo assim reflexões que articulam a prática da capoeira de Angola (influência africana na cultura brasileira), com a disciplina de Arte e mais especificamente com a linguagem da Dança na Educação Básica. Para tanto foi necessária uma pesquisa bibliográfica que justifica-se a importância, necessidade e relevância de tais assuntos no currículo escolar, conjuntamente com reflexões acerca da autonomia dos professores perante os conteúdos a serem abordados em sala de aula. A metodologia abordada pode influenciar a interpretação e construção do conhecimento dos alunos? Acreditamos que sim, pois se não alterasse, não haveria motivos para a escrita deste relato.

Palavras chave: Cultura Afro-brasileira. Capoeira. Dança. Escola

¹ Discente de Artes Cênicas da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (espiritosanto.aline15@gmail.com)

² Discente de Artes Cênicas da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (pietra.costa.silva@hotmail.com)

³ Professora Adjunta da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (keylaandrea@uems.br)

⁴ Professora Adjunta da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (chris.araujo@uems.br)

QUAL É O LUGAR DA MACUMBA?

A escola, como conhecemos hoje, tem como objetivo inicial formar o aluno em disciplinas, conteúdos e conhecimentos, que inicialmente são “fornecidos” por ela, por meio do professor. Existe na escola o imaginário de que o professor sabe mais e que por este motivo tem propriedade para decidir o que é e o que não é pertinente para o aluno conhecer, aprender. Sobretudo neste relato, assim como em estudos realizados na graduação de artes cênicas na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, pretendemos evidenciar a importância de cada vez mais se olhar para o conhecimento do aluno, entendendo que o que ele leva para a sala, também deve ser ouvido.

Apresentamos este cenário, anteriormente ao desenvolvimento desta reflexão pois se tratando de conhecimento e saber, compreendemos o mesmo enquanto experiência que pode ocorrer em diversos ambientes (escolares ou não) e que não são reconhecidos enquanto conhecimento, por não ser institucionalizado na academia. Por este motivo que desenvolvemos este relato de experiência, tendo como situação mobilizadora um episódio vivenciado em uma de nossas regências na disciplina estágio, na instituição de ensino: Escola Estadual X.

O ideal de aluno discípulo outrora exaltado, não atende mais a realidade dos alunos de hoje, professores disciplinados por um saber disciplinar, pouco utilizasse do conhecimento integral, que o aluno a todo momento evoca no seu dia a dia. E esta situação atinge todo o contexto escolar, desde matemática até a arte.

Somos corpos ancorados por um modelo de macrossujeito histórico e geográfico específicos um Outro que se vê como superior e maior em todos os sentidos. Ou sempre somos coração e razão sem nenhum cérebro e vísceras para constituição de seus saberes e fazeres com arte. Corpos tratados unilateralmente por áreas do conhecimento que atuamos nas academias universidades e escolas brasileiras que visam especificidades postas na cultura latino-americana por culturas que detêm o poder de decidir que corpo Ocidental deve estar em evidência. Conhecimentos que são aprendidos nas instituições a fim de dominação do corpo estranho (FARIA; BESSA-OLIVEIRA, 2019, p.04).

O excerto acima evidencia onde entendemos o lugar do saber do aluno, que encontra-se no saber pela experiência/vivência e é por onde conhecimento se

constroem, mesmo que para a instituição escolar isso ocorra apenas pela aplicação de conteúdos pelo professor.

Valendo-nos das reflexões de Santomé (1995), “As culturas negadas e silenciadas no currículo”, promoveremos a discussão sobre: qual deve ser a postura de uma instituição de ensino e de professores, perante os conteúdos e vivências propiciados e apresentados aos alunos? E qual deveria ser a ética do professor e da escola com a forma como os conteúdos são apresentados? Para complementar nossa discussão utilizaremos também a lei 10.639/03, que trata da obrigatoriedade do ensino da Cultura Afro-Brasileira nas instituições de ensino.

1.1 De onde falamos

Compreendemos que de diversas formas o sistema educacional tenta “tratar” e resolver questões que envolvam o multiculturalismo ³. Para o mesmo ser alcançado foi necessária a implementação de leis que “obrigassem” a abordagem do tema no currículo. A lei 9.394/96, posteriormente alterada pela lei nº 10.639/03 afirma que: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre a História e Cultura Afro-Brasileira” (Lei 10.639-2003: Art 26 A-LDB), deste modo o ensino da cultura e suas expressões artísticas e/ou não artísticas, torna-se obrigatório, independente de conteúdo de aula.

Para refletirmos sobre a importância do estudo das diversas culturas e melhor compreendermos a necessidade de leis que garantam e exijam a abordagem do mesmo no currículo valemo-nos do pensamento de que, “uma das finalidades primordiais de toda intervenção curricular é a de preparar os/as alunos (as) para serem cidadãos/ãs críticos/as, ativos/as, membros solidários e democráticos, de uma sociedade solidária e democrática” (SANTOMÉ, 1995, p.159). O mesmo se faz necessário quando nos deparamos com situações de (PRE) preconceito e discriminação, no ambiente escolar, em muitos casos, praticados entre os alunos.

³ O conceito de interculturalidade é um derivante do multiculturalismo que, originalmente, designa a coexistência de formas culturais ou de grupos com culturas diferentes no seio das sociedades modernas. Contudo, o termo se tornou um modo de descrever as diferenças culturais num contexto transnacional e global. (ARAÚJO V.A; COSTA T.B; TAVARES M. 2018, p. 30-31)

Vale ressaltar que a relevância de tal tema (diversidade cultural) não se encontra unicamente no aspecto de identificar as diferenças, nem tampouco de tolerá-las, mas de preencher os vazios que o convívio proporciona.

Sem dúvida, a reflexão sobre o verdadeiro significado das diferentes culturas, das raças ou etnias é uma das importantes lacunas que ainda existem. É precisamente em momentos como os atuais em que surgem problemas, devido a que raças e etnias diferentes tratam de compartilhar ou utilizar um mesmo território, que esse vazio mais se deixa sentir. E é também a instituição escolar o lugar no qual a carência de experiências e reflexões sobre uma educação anti-racista e programas plurilinguísticos se deixa notar de forma visível (SANTOMÉ, 1995, p.167).

Mas também se espera que a instituição de ensino seja minimamente imparcial a respeito da obrigatoriedade legal desse assunto. Contudo quando a escola toma uma postura questionável colocando em dúvida seu caráter de instituição de *ensino*, nos perguntamos se de fato existe uma imparcialidade ideológica do educador com relação ao educando. Não estamos falando aqui de questões que envolvem por exemplo: lei da mordaza e similares, estamos tratando aqui a relevância de um tema cuja importância indubitável é de fundamental importância para o reconhecimento das diferenças, deste modo contribuindo para a construção cidadã do aluno.

Sabe-se que professores, diretores, inspetores, cozinheiros e funcionários de modo geral, possuem opiniões acerca do mundo e desta forma, negá-las ou anulá-las, seria como se anulássemos os indivíduos que são, pois, nossas crenças, formas de ver o mundo, criação e formação, se personificam na nossa materialidade, na forma como falamos e tratamos os outros. Contudo, tomar para si a responsabilidade formativa de alguém, é estar consciente, de que seu aluno precisa desenvolver por si mesmo reflexões acerca do mundo e não tomar as concepções de seu formador como verdades absolutas e inquestionáveis.

Para o mesmo ser possível a postura do professor deve ser a de constantemente questionar os alunos sobre diversas questões, conjuntamente com a apresentação de diversos pontos de vista, para instigar a reflexão dos alunos.

Nas instituições de ensino, não se costuma considerar essa forma de opressão como objeto de atenção prioritária. É frequente que tanto as autoridades políticas éticas quanto os professores se vejam a si mesmos/as como pessoas objetivas, neutras e, por conseguinte, como pessoas que não favorecem a reprodução e produção de comportamentos racistas. Entretanto, quando se faz análises etnográficas no interior das salas de aula ou se observam os materiais curriculares, logo aparecem diante de nossos olhos,

condutas que invalidam as auto-imagens de neutralidade que o sistema educacional oferece (SANTOMÉ, 1995, p.168).

Entender a importância do currículo, conjuntamente com a postura ética do professor e da escola é de fundamental importância para esse relato, por se tratar de insistentes e resistentes lutas para dissolver TABUS no contexto escolar. O conteúdo da aula pode ser pintura, dança, teatro, música, filmes, qualquer que seja, se as amarras do pensamento estereotipado, preconceituoso, intolerante, ou até mesmo o pensamento não crítico, estiverem na mente dessa instituição escolar, dificilmente teremos cidadãos mais humanizados, conscientes e críticos.

Para este segundo momento do nosso relato ser possível, precisamos relatar o motivo da nossa surpresa com a situação apresentada no dia 13 de abril de 2018. Desta forma as páginas anteriores serviram de respaldo para as próximas páginas que seguirão.

1.2 Diário de um dia

CAMPO GRANDE, MATO GROSSO DO SUL, 13 DE ABRIL DE 2018

Coincidência ou não, foi em uma sexta feira 13, que a aula programada e planejada para o quinto ano de uma escola estadual em Campo Grande teve de ser interrompida, tornando-se o motivo desta interrupção o tema de um relato acadêmico.

O conteúdo programático presente no planejamento da professora regente era cultura afro-brasileira (respaldado pela lei 10.639/03 e presente nos parâmetros curriculares), e nós, como estagiárias, deveríamos trabalhar com este tema, dentro do nosso conteúdo de formação, teatro e dança. Optamos em trabalhar com a dança, mas, trazendo como conteúdo de aula a capoeira, que tanto serve para a preparação do corpo do ator, como pode ser vista a partir do viés da dança como expressão artística.

Com o conteúdo definido, montamos nosso planejamento e fomos desenvolver a aula. Quando entramos na sala, apresentamos brevemente o que seria trabalhado, contando o contexto em que foi criada a capoeira e como ela “é vista” hoje. Após este momento, nos dirigimos, junto com os alunos, para a quadra e demos as primeiras

instruções do que era para ser realizado. Colocamos uma música, nos dispusemos em roda e a parte prática da aula começou.

No decorrer da aula, alguns alunos se arriscavam a propor outros movimentos, nós nos dirigimos a estes alunos e os orientamos quando necessário. Até os alunos mais tímidos, ou com alguma necessidade especial, se arriscavam a entrar na roda e jogar com os outros colegas. No entanto, em dado momento a música parou e os alunos dirigiram-se aos seus calçados para retornar à sala. No momento seguinte ouvimos da professora regente, “foi recomendado que retirassem a música, pois nessa escola não se aceita macumba”.

Nosso espanto não foi o pedido de retirada da música, mas a forma como foi feito. Por um tempo nos indagamos o porquê disso, era por conta do barulho? Era porque vinha de origem afro? Era porque os alunos estavam descalços e mexendo-se? Não havia um porque plausível, para nós, só havia uma concepção de MACUMBA, que naquele momento era o certo.

Nós não esperávamos e não queríamos relatar tal situação, acreditávamos que em escolas o movimento era combativo com relação à disseminação de TABUS; por mais que este discurso não tenha chegado aos ouvidos dos alunos, uma mensagem foi passada, naquela escola não entra Macumba. Talvez entrasse o pai nosso ou a ave Maria, mas Macumba não.

Por fim, os alunos voltaram para sala, e ouviram da professora regente o porquê é importante respeitar as diferenças, porque a sociedade “deve” ao afro descendente, quais eram as situações que os negros/escravos viveram e qual seu instrumento de dor. Coube a nós, enquanto futuras professoras, inúmeras inquietações referentes ao ocorrido, o que de algum modo, nos fez pensar futuras situações, hipotéticas e impossíveis de serem mensuradas.

1.3 Uma pesquisa mais a fundo, entendendo sobre o tema.

Pesquisamos no google o significado da palavra macumba e obtivemos os seguintes resultados: “antigo instrumento de percussão de origem africana, utilizado em terreiros; designação genérica dos cultos afro brasileiros originários do nagô; o ritual celebrado nesses cultos; designação leiga desses cultos, quando supostamente

praticam magia negra; oferenda a Exu; em sentido lato, magia negra, feitiçaria, feitiço, despacho; em terreiros do nordeste do Brasil, excremento; ousadia e audácia.” Estas foram as definições encontradas na primeira pesquisa e site do google. Valendo-nos também da definição encontrada no dicionário de língua portuguesa que diz: “ macumba, s. f. (Bras.) Cerimônia fetichista acompanhada de danças e cantos” (p.647), fizemos este recorte propositalmente para entendermos de que ponto de vista trabalhamos MACUMBA.

Também nos valem de definições de fácil acesso para mostrarmos que a informação está aí, disponível para quem quer e tem interesse de saber o que está falando. A não ser que na música que utilizamos estivesse o instrumento macumba, ou que em algum momento fizemos uso de alguma coisa que pudesse ser entendida enquanto ritualísticas, cerimonial, pois senão em nenhum outro sentido a aula estaria fazendo uso de macumba, sendo assim incoerente a sua interrupção. O que de fato tentamos realizar foi uma aula de capoeira pela perspectiva da dança, que também pode ser pensada para a preparação corporal do ator.

De início, gostaríamos de enfatizar que o nosso objeto de trabalho é o corpo e partindo dessa premissa tentamos desenvolver uma aula que explorasse e estimulasse a criação e a potência do corpo dos nossos alunos, mais especificamente iniciá-los em uma preparação para a expressividade. Ressaltamos mais uma vez que o “tema” da nossa aula (cultura afro brasileira) já estava posto, tendo nós, que adaptarmo-nos a ele.

Passar pela prática da capoeira, ou por qualquer outra prática cultural é de extrema importância e responsabilidade, uma vez que o que utilizamos com mobilizador para a prática tem sentido e importância real para os povos que a praticam. Seja para construção da expressividade, treinamento do ator, laboratório para criação cênica, provocadores para pesquisa em Etnocologia, a Antropologia Teatral, ou até mesmo para os estudos da Performance deve-se olhar com responsabilidade as questões trazidas por determinada prática. Desta forma quando nos utilizamos de uma prática de origem cultural, para criar cenicamente, precisamos estudar o que queremos “obter” daquilo, ou seja, até para “darmos” uma aula de capoeira pelo viés das artes cênicas, precisamos saber o que queremos alcançar/obter daquilo.

O treino, bem como o jogo da capoeira angola, constitui-se em um espaço de desafio, pois além de uma prática extremamente física, por vezes repetitiva e exaustiva, lida-se constantemente com o risco da queda e do golpe, o que exige do corpo um constante estado de alerta. Este estado de alerta ou “estar ligeiro”, é a própria ampliação da percepção do corpo no espaço, que dilata a presença do capoeirista, gerando prontidão. No teatro e na dança esse conceito é discutido na noção de presença (SILVA, 2012, p.6).

Como trata Renata Silva, na citação acima, a prática da capoeira angola, por si só, ativa no corpo do praticante estados outros, que são de grande importância para os estudos das artes cênicas. Estados estes que podem ser verificados como princípios básicos para o estado ou comportamento cênico, “o comportamento cênico aqui é pensado a partir de uma prática cultura extracotidiana, que busca um afastamento do automatismo cotidiano, valendo-se assim de suportes técnicos como oposição, equilíbrio, fluxo e dilatação para construir um corpo extracotidiano que possa romper com a castração e o funcionalismo motor.

O corpo cênico experimenta espaço e tempo potencializados e, o corpo cênico potencializa tempo e espaço. O corpo da cena investiga temporalidade e espacialidade, inventa minutagens e métricas, ocupa dimensões simultâneas do real. O nexos do corpo cênico é o fluxo. (FABIÃO, 2010, p.321)

O que tentamos explicar foi que o estado corporal/físico que a prática da capoeira angola proporciona ao aluno faz com que ele passe a criar, reorganizar seu corpo de maneiras outras, além da movimentação cotidiana e funcional. Para nós futuras artistas docentes, estas expressões não funcionais possibilitam uma experiência do aluno com seu próprio corpo e com estas linguagens artísticas.

O corpo cênico está cuidadosamente atento a si ao outro ao meio; é o corpo da sensibilidade aberta e conectiva. A atenção permite que o macro e o mínimo, grandezas que geralmente escapam na vida cotidiana, possam ser adentradas e exploradas. Essa operação psicofísica, ética e poética desconstrói hábitos. Atentar para a pressão e o peso das roupas que se veste, para o outro lado, para as sombras e os reflexos, para o gosto da língua e o cheiro do ar, para o jeito que ele move as mãos, atentar para um pensamento que ocorre quando rodando a chave ao sair de casa, para o espírito das cores. A atenção é uma forma de conexão sensorial e perceptiva, uma via de expansão psicofísica sem dispersão, uma forma de conhecimento. (FABIÃO, 2010, p.322)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se que a noção equivocada do que é Macumba e as práticas culturais de origem afro fizeram com que uma aula fosse interrompida. A situação a que fomos expostos (nós e os alunos) nos choca, pois apesar da “pouca” vivência em escolas,

acreditávamos em um ensino laico, sem distinção qualquer que fosse e sem reforços na manutenção de estereótipos.

Percebemos, que a vontade de diretores e professores se faz predominante no que diz respeito a conteúdos e práticas de sala de aula, pois enquanto professores ainda escolherem músicas que favorecem mais uma religião do que outra para apresentações de datas comemorativas e optarem também por trabalhar com uma reprodução vazia de máscaras e fantasias referente às culturas afro-brasileiras e indígenas, a mudança vai demorar para chegar nos julgamentos que acercam a escola e a sociedade em relação á cultura da minoria. Havemos de enxergar que o Pré julgamento não estabelece uma via de troca dos saberes culturais de determinada cultura com o sujeito que a (re)conhece construindo um pensamento crítico, a respeito da tolerância e identidade dos alunos com os saberes desta prática.

O episódio do dia 13 de abril não será e não é um fato isolado, até não reconhecemos que o pensamento da sociedade dentro das instituições de ensino, não se torne opressor. A maior questão deste trabalho não é a religião, mas é a importância de se refletir que quando estes equívocos tornam-se disparadores de um pensamento superficial a respeito da cultura afro-brasileira, que a todo momento é julgada pelo caráter mítico de suas práticas religiosas, caráter este que toda religião possui. Acreditamos em um ensino não pautado pelas escolhas e pensamentos de professores, diretores ou qualquer que seja a instância, acreditamos em um ensino humano, que não faça distinção (no mal sentido) de culturas, credos, sexualidade e afins, acreditamos em uma escola crítica, que forma alunos críticos e cidadãos conscientes.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO. V. A; COSTA. T. B; TAVARES. M. Multiculturalismo, interculturalismo e pluriculturalismo: debates e horizontes políticos e epistemológicos. São Paulo; **Revista @mbienteeducação**, v.11, n. 1, 2018.

BRASIL. LEI Nº 10.639, DE 09 DE JANEIRO DE 2003. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Brasília, DF, jan 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Acesso em 30 de out. 2018.

FARIA, Juliano Ribeiro; BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. “Corpo estranho: o desamparado que encontra sua política de ser”. In: **Revista da FUNDARTE**, Montenegro, p.

396-415, ano 19, nº 37, Janeiro/Março. Disponível em: <<http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>> 20 de abril de 2019.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo in: SILVA, Tomaz Tadeu da. et. al. (orgs.) **Alienígenas da sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Coleção estudos culturais em educação)

SILVA, Renata de Lima. A Potência Artística do Corpo na Capoeira Angola. **Revista do LUME**, Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais – UNICAMP, n.1, p. 01 à 14, set. 2012

FABIÃO, Eleonora. **Corpo cênico, estado cênico**. Contrapontos, Rio de Janeiro. 2010; p.321-325

Org. Professores e técnicos especializados. Enciclopédia LEP Junior: Dicionário de língua portuguesa I-Z. LEP-Edição Especial; v.II. ????

Dicionário Google. Disponível em <<https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=macumba>>: acesso em 29 de outubro de 2018; às 01:30